A JUSTIÇA É IMORTAL (Sb 1,15)

Sandro Gallazzi

Achei desafiador refletir sobre o tema da morte. Parece-me que, a partir da Bíblia, pouca coisa dissemos recentemente, na América Latina, sobre este assunto. E mesmo assim a experiência da morte e da morte violenta tornou-se parte do nosso quotidiano.

Estou escrevendo este trabalho durante a Semana Santa que iniciou com a memória dos 17 anos do assassinato de São Romero e na véspera de fazermos a memória do 1º aniversário do massacre de Eldorado, quando pelo menos 19 sem-terras foram chacinados pela polícia do Pará.

A impunidade, nos dois casos, continua sendo a característica mais degradante desta nossa violência tipicamente latino-americana.

Os esquadrões da morte continuam impunemente sua ação exterminadora; a vida das nossas crianças já não vale nada; desempregados, bóias-frias e pobres estão morrendo à míngua, à prestação. Vacinas estragadas, hemodiálise com água contaminada e infecções hospitalares produzem a morte, mesmo nos lugares onde se pretendia socorrer a vida...

Poderíamos continuar lembrando os fatos de morte e de violência que gritam vingança diante de Deus. A lista chega a parecer interminável, sufocante, é melhor nem pensar.

Para refletirmos juntos sobre esta realidade dura e, muitas vezes, incompreensível, vou pedir ajuda ao deuterocanônico livro da Sabedoria que nos fala longamente sobre este assunto.

Num artigo precedente, eu e Ana Maria falamos da aparente semelhança entre algumas afirmações do livro de Coelet e do livro da Sabedoria. Os dois livros parecem dizer a mesma coisa.

Dizíamos que a polêmica entre os dois textos é evidente e não pode ser ignorada.

Vamos buscar desvendar as razões deste conflito.

1. O "lugar" do conflito

Como sempre, mantendo a fidelidade ao nosso método de pesquisa é decisivo estabelecer, pelo menos com uma certa aproximação, o "lugar" onde este texto foi produzido e o "grupo" sociológico que o produziu.

É opinião comum entre os biblistas que este texto tenha sido produzido por piedosos judaítas em Alexandria do Egito. Ao perguntarmos as razões desta afirmação, encontramos, em síntese, as seguintes respostas[1]:

1) O autor era um judeu que conhecia muito bem a língua grega: no escrito aparecem palavras exclusivas desta língua; é abundante o uso de palavras compostas; os idiotismos são próprios do grego, assim como muitas assonâncias verbais. Os eventuais semitismos costumam ser explicados pelo influxo dos LXX.

2) O autor assimilou elementos importantes da cultura helenista: conhece a terminologia de Platão e dos estóicos, conhece e aprecia o culto da beleza, da arte e do esporte. Parece ter lido os clássicos gregos, de Homero a Xenofonte. Tem grande abertura em relação ao mundo estrangeiro.

3) O autor deve ser de Alexandria: a idolatria denunciada é sobretudo a zoolatria e a divinização das forças da natureza. A relação entre Egito e Israel é central nos c. 11–19 do livro. Alguém chegou até a pensar em Fílon, judeu de Alexandria, em permanente diálogo com o mundo cultural helenista.

Uma vez mais a exegese clássica se contenta de puxar conclusões a partir do conteúdo literário e do estilo da redação. É a partir daí que quando um texto é escrito em grego, mas com evidentes semitismos, como é o caso, por exemplo, do 1º livro dos Macabeus e do livro de Judite, se diz que devia haver, com certeza, um original hebraico que se perdeu. E se o texto está escrito num grego melhor, então, com a mesma certeza, se diz que o texto é da diáspora.

Será que é tão difícil assim pensar que em Judá alguém pudesse falar grego, mais ou menos corretamente?

O fato de o grego usado no livro da Sabedoria ser bom e sem exagerados semitismos não quer dizer muito, pois, já antes dos Asmoneus, Jerusalém tendia a se tornar uma cidade cosmopolita.

A influência do mercado grego na região, sobretudo na região marítima, é evidente desde os meados do séc. V aC. A "língua de Azoto ou a língua deste ou daquele povo" de que fala Neemias 13,24 deve estar mais próxima ao grego do que propriamente ao aramaico que era a língua comum do Império Persa do qual Neemias era servo fiel.

1Mc 1,14-15, mais tarde, nos lembra a construção do ginásio e a ocultação da circuncisão por parte dos jovens sacerdotes e 2Mc 4,12-13 nos informa sobre a difusão dos costumes estrangeiros em Jerusalém.

O fato de a mãe falar em hebraico aos filhos que estão sendo martirizados por Antíoco é considerado sinal de fidelidade aos costumes antigos (2Mc 7,21) e um

1. VIRGULIN, Stefano. Sabedoria. In: *Introdução à Bíblia*, v. III/2. Vozes, Petrópolis, 1985, p. 295-296.

estratagema para enganar o poderoso, mas indica que eles deviam falar, ou pelo menos entender, também o grego.

Com os asmoneus isso veio se confirmando ainda mais e Aristóbulo foi apelidado de "Filelenos – amigo dos gregos".

Naquele tempo deve ter aumentado, em Jerusalém, o número de judaítas originários da diáspora. A presença de prosélitos de origem grega será comum, em Jerusalém, no tempo de Jesus (Jo 12,20; At 6,9).

Jasão de Cirene, o suposto autor da história dos Macabeus em cinco volumes (2Mc 2,23), é um sinal desta realidade. O 2º livro dos Macabeus, que pretende ser um compêndio da obra de Jasão, foi escrito num grego muito parecido ao do livro da Sabedoria e, mesmo assim, foi claramente produzido em Jerusalém e endereçado aos judaítas do Egito (2Mc 1,1)! E, outro detalhe interessante, quem escreveu era, quase com certeza, um judaíta que pertencia ao grupo dos *Hasidim*, os piedosos, de tendência farisaica, conservadora e apocalíptica, preocupado com a lei, o templo e a vida após a morte. Mesmo assim, ele sabe usar a língua grega clássica com uma elegância refinada e uma retórica que chega, às vezes, a ser enfadonha[2].

As relações dos asmoneus e, sobretudo, de Herodes com o Egito e com Roma foram intensas e deviam ser tecidas em grego, a língua de toda a região.

O argumento da língua deixa assim de ser decisivo para determinar o lugar do conflito que produziu o livro da Sabedoria.

A mesma observação vale em relação à aparente assimilação de elementos importantes da cultura helenista. Esta era a cultura da *koiné*, do mundo comercial sob a influência política dos gregos que, desde o 5º século, vinham penetrando a terra de Israel e estabelecendo relações sempre mais profundas com seus habitantes. Nada de estranho se, por este processo, conceitos e linguagem chegassem a ser de uso comum. O próprio fenômeno helenista é, em si, a razão pela qual afirmamos que não se pode absolutamente restringir a influência desta cultura às regiões diretamente gregas. A característica maior do helenismo é a sua dimensão "universalista", pois pretendia-se reunir a todos num só rebanho dentro e debaixo de um único mercado.

Usar as mesmas palavras não quer dizer absolutamente absorver a mesma lógica filosófica. Se assim não fosse, deveríamos dizer que a indomada Greenville global é uma cidade inglesa! Todos os biblistas concordam em afirmar que, apesar de seu vocabulário cheio de elementos culturais gregos, o autor de Sabedoria continua sendo um judaíta bem conservador. Talvez, só um pouco menos racista. Ele aborrece o politeísmo e despreza a imoralidade pagã. Orgulha-se de pertencer ao povo escolhido. Chegou-se até a pensar que ele poderia ser um essênio.

2. PENNA, Angelo. *I libri dei Maccabei*. Marietti, Torino, 1953, p. 20-21.

Outra dificuldade, talvez a maior, para situar este livro no mundo greco-egípcio é que os governantes ímpios, contra os quais se dirige o nosso autor, são acusados justamente de não crer na ressurreição, nem na vida após a morte (2,16b-18.22-24). Mas estes são elementos centrais da cultura helenista. Como pensar que as autoridades gregas de Alexandria viessem a ser acusadas de não crer na imortalidade da alma? Ou será que os governantes de Alexandria não eram helenistas? Pelo contrário, em Jerusalém, os saduceus, que chegaram ao poder com os Asmoneus, estes sim não acreditavam na ressurreição (Mt 22,23).

Também a dura crítica à idolatria contida nos capítulos 13–15 de Sabedoria não basta para situar fora de Judá este texto. A idolatria de que fala o c. 13 é a dos sábios e filósofos gregos, que apesar de suas investigações e estudos não chegaram a "conhecer aquele que existe" (13,1-9). E, no c. 14, denuncia-se a idolatria dos "marinheiros gregos", símbolo do projeto comercialista, que põem nos deuses a garantia de sua "ânsia de lucro". O que está em discussão é justamente a cosmovisão e o projeto greco-helenista que, desde o tempo dos Macabeus, esteve atraindo a classe dominante judaíta (1Mc 1,11). Acredito que contra esta "geração de perversos" o livro da Sabedoria ergue sua denúncia.

Por causa destas premissas, parece-me correto afirmar que, para entender o forte conflito que subjaz ao livro, temos que situar Sabedoria no contexto do Judá do último século antes de Cristo, na época dos Asmoneus ou até na de Herodes o Grande[3].

Parece-me que só neste momento podemos encontrar os "governantes da terra" aos quais o livro é dirigido (Sb 1,1) e que são, profeticamente, censurados como "ímpios" (1,16), injustos, blasfemadores e são acusados de hostilizar, perseguir, torturar e matar os "justos" (2,19-20).

É difícil situar esta informação em Alexandria do Egito, como quer a maioria dos autores. Naquela cidade, quando houve algum tipo de repressão foi um fato isolado, pontual, fruto de possíveis retaliações por causa das relações tumultuadas entre os lágidas e os asmoneus. Estes fenômenos esporádicos significaram, na maioria dos casos, perda de prestígio mais do que torturas e execuções capitais positivamente organizadas pelos "governantes da terra".

E mais, estes ímpios são censurados de "faltar contra a Lei" e de "faltar contra a educação recebida" (Sb 2,12). Isso, também, só faz sentido se os destinatários são judaítas e não gregos[4].

Em Judá, por sua vez, a dinastia dos Asmoneus foi considerada "ímpia" por vários grupos, entre eles, sobretudo, os essênios e os fariseus continuadores do grupo dos *hasidim*.

3. SCARPAT, Giuseppe chega até a situar a redação deste livro no tempo de Calígula. *Libro della Sapienza*. Paideia, Brescia, 1988, 478 p.

4. Não faltam autores que afirmam ser, pelo menos a primeira parte do livro (1–5), resultado de uma versão do hebraico e dirigida contra os saduceus e até contra os fariseus. Ver VIRGULIN, Stefano. *Op. cit.*, p. 292-293.

João Hircano I, asmoneu, fariseu, filho de Simão, irmão de Judas Macabeu, abandonou o grupo dos fariseus quando estes exigiram que deixasse o sumo sacerdócio. Os saduceus, antigos inimigos dos Macabeus, receberam-no de braços abertos.

Ouçamos o que relembra Flávio Josefo.

> *"Não somente ele renunciou ao grupo dos fariseus, para abraçar o dos saduceus, mas aboliu todos os seus estatutos e mandou castigar os que continuavam a observá-los" (AJ 13,544).*

Por sua vez, ao falar dos saduceus, Flávio Josefo nos diz que:

> *"Os saduceus rejeitavam as tradições dos antepassados, porque elas não estão compreendidas entre as leis de Moisés, que eles afirmam ser as únicas que estão obrigados a observar (...). As pessoas de classe mais elevada abraçaram o partido dos saduceus e o povo alinhou-se ao lado dos fariseus" (ib.).*
>
> *"Os saduceus afirmam que o mundo paira movido pelo acaso, sem guia e providência" (AJ 10,278; Sb 2,2).*

Este conflito não somente fez com que os fariseus, os antigos aliados do tempo da guerra macabaica, perdessem poder e influência, mas provocou um conflito que se tornou violentíssimo durante o reino de Alexandre Janeu. O povo, durante a festa das Tendas, jogou limões contra o rei e o acusou de usurpar o sumo sacerdócio. O rei por sua vez mandou matar 6.000 deles e ergueu uma cerca para esconder o altar (AJ 13,558).

A reação provocou o início de uma guerra civil, ganha por Alexandre que

> *"para se vingar das ofensas que tinha recebido, usou contra os fariseus da mais horrível crueldade. Ao mesmo tempo, quando se entregava ao banquete com suas concubinas, num lugar bastante elevado, de onde podia ver tudo, ele fez crucificar uns oitocentos, na sua presença, e estrangular, diante de seus mesmos olhos, enquanto eles ainda viviam, suas mulheres e filhos (...) Por isso foi chamado, com razão, de Trácida, para indicar sua extrema barbaridade" (AJ 13,559).*

A cruz pode muito bem ser a "*morte vergonhosa*" de que fala Sb 2,20.

Por causa da guerra civil, correu o risco de perder o reino. Tardiamente ressabiado, no leito de morte, falou para sua mulher, a futura rainha Alexandra:

> *"Procurai conquistar o afeto dos fariseus, dando-lhes alguma autoridade (...) A aversão do povo contra mim foi motivada pela minha inimizade com eles. (...) Dai-lhes vossa palavra de que nada fareis no governo do reino, senão por seu conselho (...), e reinareis com toda autoridade" (AJ 13,565).*

A rainha seguiu o conselho, mas isso não significou o fim do conflito. Voltando ao poder os fariseus forçaram a rainha a punir seus desafetos. Seu poder foi tanto que, afirma Flávio Josefo, "*ela só tinha o nome de rainha e os fariseus gozavam de todo poder que lhes dava a realeza*" (AJ 13,567).

Este conflito poderia muito bem constituir o "pano de fundo" do livro da Sabedoria. Um conflito carregado de violência e de crueldades que deve ter criado um clima de revolta e despertado a denúncia profética do nosso livro[5].

Precisamos colocar este livro no contexto deste conflito entre os poderosos que "impiamente" ocupavam o trono e o altar de Jerusalém e os diversos grupos que se opuseram a eles e foram perseguidos e reprimidos com violência. A acusação de oprimir o pobre, de não poupar a viúva e de não respeitar o ancião (2,10), também, se entende melhor no contexto judaíta do que no mundo grego.

2. A justiça de Deus é imortal

Por que então a polêmica com Coelet?

Há uma aparente semelhança entre o pensamento de Coelet e o dos saduceus:

> "*A opinião dos saduceus é que as almas morrem com os corpos*" (AJ 18,2,760).
>
> "*A sorte do ser humano e do animal é a mesma: como morre um, assim morre o outro, e ambos têm o mesmo alento; o ser humano não leva nenhuma vantagem sobre o animal, porque tudo é fumo. (...) Quem sabe se o espírito do ser humano sobe para o alto e se o espírito do animal desce para baixo, para terra?*" (Ecl 3,18-21).

A conclusão deste raciocínio é, também, profundamente semelhante, na boca dos ímpios e nas reflexões de Coelet:

> "*Vai, come teu pão com alegria*
> *e bebe gostosamente teu vinho,*
> *porque Deus já aceitou as tuas obras.*

5. Um outro momento poderia ter sido a época de Herodes o Grande. Flávio Josefo também relembra sua injustiça e crueldade para com os judeus, porque suas leis não lhes permitiam "*ganhar o afeto do príncipe levantando-lhe estátuas, consagrando-lhe templo e usar de bajulações para contentar sua ambição*" (AJ 16,695). Sb 14,17 pode estar polemizando com esta atitude de Herodes?
Sedento de poder, Herodes exigiu o juramento de fidelidade dos judaítas e mandou reprimir, até com a morte, os 6.000 fariseus que se negaram a isto (AJ 17,726). Sentindo próxima sua morte, mandou reunir os maiorais judaítas no hipódromo de Jericó e ordenou a morte deles para garantir que o povo ficasse de luto e chorasse quando ele morresse (AJ 17,739).
Impressionantes são as semelhanças entre o pensamento do livro da Sabedoria (e de 2Mc) com o que relembra Flávio Josefo do ensinamento dos sábios escribas Judas e Matias que incentivavam 40 jovens a arrancar da entrada do templo de Jerusalém a grande águia de ouro aí colocada por Herodes.
"*Disseram que, embora a empresa fosse perigosa, nela não deviam empregar menos entusiasmo, pois uma morte honrosa deve ser preferível à vida, embora suave e tranqüila, quando se trata de manter as leis do país e conseguir uma reputação imortal*" (AJ 17,738).

Que tuas vestes sejam brancas em todo o tempo
e nunca falte perfume sobre a tua cabeça.
Desfruta a vida com a mulher amada, em todos os dias de vaidade,
porque esta é a tua porção na vida (...)
pois no Xeol para onde vais
não existe obra, nem reflexão, nem conhecimento, nem sabedoria" (Ecl 9,7-10; Sb 2,1-9).
"*Alegra-te, jovem, na tua juventude,*
sê feliz nos dias de tua mocidade,
segue os caminhos do teu coração e os desejos dos teus olhos" (Ecl 11,9; Sb 2,6-7).

Ambos os textos afirmam que esta é a "porção", a parte reservada ao ser humano, a única realidade pela qual vale a pena lutar (Ecl 9,9; Sb 2,9). O ponto de chegada, porém, é bem diferente.

Coelet tinha sido uma manifestação de resistência dos judaítas contra o projeto grego que queria legitimar, com a conivência do templo sadocita, a opressão do trabalhador escravo e pecador.

Os Macabeus lutaram movidos pelo espírito de Coelet. A propaganda do projeto grego e do templo sadocita seu aliado tinha sido destroçada pela profunda ironia de Coelet que reivindicava, como sinal da verdadeira vontade de Deus, o direito que todos temos a uma mesa farta e a uma vida alegre, sem opressão e dominação de qualquer tipo.

Herdeiros dos Macabeus, os asmoneus, porém, ao chegar ao poder, abandonaram os antigos aliados, os camponeses e os *hassidim*/fariseus e se aliaram aos saduceus e aos gregos, os antigos inimigos contra os quais haviam combatido.

As palavras de Coelet, proclamadas como resistência por quem estava na opressão, saíam, agora, da boca de quem estava sentado no trono. A mensagem de Coelet tinha-se tornado uma blasfêmia irônica e uma "impiedade" para legitimar o poder conquistado e debochar do grupo dos piedosos, antigos aliados e, agora, traídos e perseguidos pelos asmoneus.

A dura reflexão sobre a morte tinha levado Coelet a propor como atitude definitiva a busca do "temor de Deus".

"*Saibas que de todas estas coisas Deus te pedirá conta*" (Ecl 11,9c).
"*Teme a Deus e observa os seus mandamentos,*
porque este é dever de todo ser humano.
Deus julgará toda obra, até mesmo a que está escondida,
para ver se é boa ou má" (Ecl 12,13-14).

Os ímpios, contra os quais grita Sabedoria, pelo contrário, concluem:

"*Oprimamos o justo pobre,*
não poupemos a viúva,

nem respeitemos o ancião (...)
O fraco com certeza é inútil.
Cerquemos o justo porque nos incomoda" (Sb 2,10-11).

Quantas vezes este raciocínio justificou a ação dos cruéis assassinos de inteiras populações.

"*Queremos combater esta chamada lei..., a frouxa moral da compaixão que foi considerada divina, para poder garantir a proteção dos fracos contra os fortes, desprezando, assim, as imutáveis leis da guerra (...) Contra os chamados mandamentos nós vamos combater (...) A consciência é uma invenção hebraica; é, como a circuncisão, uma mutilação do homem*" (Adolf Hitler[6]).

Sabedoria encontra neste contexto sua origem e seu vigor.

Não resta dúvida que o confronto ideológico se dá justamente sobre o conceito da morte.

"*Não há salvação quando chega o fim do ser humano,*
Nem se conhece alguém que possa livrar do hades" (Sb 2,1).

Os ímpios polemizam. O fim da vida, para eles, não significa nada. Os justos, por sua vez, polemizam também.

"*Eles ignoram os segredos de Deus,*
não esperam o prêmio pela santidade,
não crêem na recompensa das vidas puras" (Sb 2,22).

Algo aconteceu para que os "pobres justos", que, antes, proclamavam o fim de tudo com a morte, afirmem agora com segurança:

"*Deus criou o ser humano para a incorruptibilidade*
e o fez imagem de sua própria natureza;
Foi por inveja do diabo que a morte entrou no mundo;
experimentam-na quantos são do seu partido.
A vida dos justos está nas mãos de Deus,
nenhum tormento os atingirá" (Sb 2,23–3,1).

As guerras macabaicas, com seu alto contingente de mártires torturados e de soldados mortos, provocaram, com certeza, um momento de reflexão muito importante. Os "pobres justos" tiveram que se defrontar com a realidade de muita gente que "não devia morrer" mas que, mesmo assim, estava sem vida.

Não devia morrer porque não estava nem velha, nem doente. Não devia morrer porque estava combatendo por uma causa justa, porque "tinham zelo pela Lei" e "davam sua vida pela Aliança dos Pais" (1Mc 2,50).

6. Citado por SCARPAT, *Op. cit.*, p. 104.

Por que Deus não manifestava seu poder e não fazia justiça aos "seus"? Por que Deus deixava que o rei orgulhoso triunfasse esmagando, torturando e massacrando os "santos"?

A fé na ressurreição não nasceu das discussões dos filósofos que debatiam acerca da imortalidade da alma. Nasceu da fé de um povo que sabia que, de alguma forma, os companheiros que tinham perdido sua vida continuavam vivos. Nasceu da fé das mães destes jovens ousados e corajosos, mães que "sabiam" que Deus havia de encontrar a maneira de fazer viver seus filhos assassinados. Se soube fazer isso, uma vez, usando o ventre destas mulheres, ia saber fazer isso de novo. Elas não sabiam como, mas tinham a inequívoca certeza de que a última palavra nunca ia ser da morte[7].

> "*Não temas este carrasco. Aceita a morte, tornando-te digno de teus irmãos, a fim de que torne a receber-te com eles na Misericórdia*" (2Mc 7,29).

A pedra angular desta fé não foi uma conclusão lógica de quem entende que a alma seja um elemento espiritual e por isso imortal. Foi a fé firme e inabalável de que "**a justiça de Deus é imortal**" (Sb 1,15).

Justiça, como Misericórdia, como Santidade de Javé. Tudo que identifica a ação de um Deus que "nunca deixa impune o blasfemo em seus propósitos" (Sb 1,6). "Ninguém poderá eludir a Justiça vingadora" (Sb 1,8).

Justiça vingadora. A ação de um Deus que sempre esteve ao lado de quem chora e nunca de quem faz chorar, de quem grita e nunca de quem faz gritar, de quem é oprimido e nunca de quem oprime. É a memória do Deus do Êxodo, do Deus dos pobres que "*cavalo e cavaleiro no mar precipitou*" (Ex 15,21).

A fé na ressurreição é a fé na "mão forte" e no "braço estendido" de Javé.

A justiça de Javé não pode ter a morte como limite, não pode ser derrotada por ela. A Justiça de Deus é imortal!

Neste grito ecoa o mais antigo cântico de quem, como Débora, em nome de Javé, lutou contra toda opressão:

> "*Celebramos as **justiças** de Javé,*
> *suas **justiças** pelas aldeias de Israel*" (Jz 5,11).

Vale lembrar que, como Sabedoria, o cântico de Débora é dirigido aos governantes da terra:

> "*Ó reis, ouvi! Ó príncipes, escutai!*" (Jz 5,3).

Os poderosos opressores terão sempre que levar em conta a imortal justiça de Javé!

7. GALLAZZI, Sandro. Os Macabeus: uma luta pela liberdade do povo. In: *Estudos Bíblicos* n. 6. Petrópolis, Vozes, p. 40-52.

3. Deus não criou a morte

Crer na ressurreição da carne é bem diferente e muito mais do que crer na imortalidade da alma. Olhando a realidade pela ótica da "alma" os filósofos gregos chegaram a legitimar o "governo" dos sábios sobre os "brutos", dos amos sobre os escravos, dos gregos sobre os bárbaros, dos homens sobre as mulheres.

A fé na imortalidade da alma foi, segundo Marx, o "ópio dos povos" que serviu para manter os trabalhadores oprimidos num estado de permanente catalepse na espera de um futuro melhor nos céus celestiais. Afinal, ser rico ou pobre, homem ou mulher, branco ou preto, patrão ou trabalhador era somente uma questão acidental e secundária, pois a "alma" era a mesma e tinha o mesmo valor, nos homens ou nas mulheres, nos ricos ou nos pobres, nos pretos e nos brancos, nos patrões e nos trabalhadores.

Só que a vida de uma pobre mulher preta e trabalhadora não é exatamente a mesma vida de um rico homem branco e patrão.

A alma elimina as diferenças; a história da vida as acentua. Conflito e contradições aparecem; junto com sofrimentos e lágrimas. A fé na alma nos deixa em cima do muro; a fé na vida nos obriga a tomar partido.

A fé na ressurreição da carne é a fé num Deus que assume as "diferenças" da vida e se posiciona, com seu poder vivificador e libertador, do lado da vida que grita por socorro: Javé ouviu o grito do seu povo!

Deus não criou a morte. Este é o supremo ato de fé da Sabedoria; esta é a suprema sabedoria. "*Eu sou a ressurreição e a vida*", proclamará Jesus um século mais tarde.

Por isso, a fé na ressurreição é a mola poderosa, a mística profunda que nos permite enfrentar com coragem todas as forças que produzem a morte.

É por causa desta fé que o justo "*incomoda*", se "*opõe às ações*" dos poderosos, lhes "*censura as faltas contra a lei*" e os "*acusa de faltar contra a educação recebida*" (Sb 2,12).

É esta mesma fé que leva o justo a "*tornar-se o acusador dos pensamentos*" dos ímpios; só de vê-lo, eles se enfurecem. "*Sua vida se distingue da dos demais e seus caminhos são todos diferentes*"; ele considera os governantes da terra como "*bastardos*" e se "*afasta de suas vias como se contaminassem*" (Sb 2,14-16a).

Tudo porque ele "*se diz filho do Senhor*" e "*se gloria de ter a Deus por pai*" (Sb 2,13.16b).

O confronto, então, é com o próprio Deus. Matar o justo significa pôr à prova o seu Pai.

> "*Experimentemos o que será de seu fim.*
> *Pois se o justo é filho de Deus, Ele o assistirá*
> *e o libertará das mãos de seus adversários (...)*

Condenemo-lo a uma morte vergonhosa
pois diz que há quem o visite" (Sb 2,17b-18.20).

O povo permanecia lá a olhar. Os chefes porém zombavam e diziam: "A outros salvou, que se salve a si mesmo, se é o Cristo (filho) de Deus, o Eleito" (Lc 23,35).

Contra os asmoneus sentados como reis no trono judaíta e oficiantes como sumos sacerdotes no templo sadocita de Jerusalém, o livro da Sabedoria denuncia:

"*Eles ignoram os segredos de Deus*" (Sb 2,22a).

A falta do conhecimento de Javé é o maior pecado dos governantes da terra porque "*sua maldade os cega*" (Sb 2,21). É a mesma denúncia que ecoa contra os sacerdotes do templo desde os tempos de Ana, mãe de Samuel (1Sm 2,13), desde os tempos de Oséias profeta (Os 4,6).

Eles governam a terra, mas não têm a mínima sabedoria.

E a morte? A morte é resultado da inveja do diabo. Por isso, a morte passa a ser o mais importante gesto da "discriminação" que Deus vai operar ficando do lado de quem é vítima da injustiça, da ganância e da violência dos poderosos.

Os que são do partido do diabo vão experimentar a morte, mas a vida dos justos está nas mãos de Deus. A mão protetora e libertadora que Deus vem usando desde os longínquos tempos do Egito vai manifestar seu poder garantindo a "vida" dos seus e deixando na "morte" os que são do demônio.

A "visita" de Deus, que, na memória profética, determinava, de um lado, a sorte dos pobres e, do outro, a destruição dos opressores, continuará a operar mesmo depois da morte.

"*A graça e a misericórdia são para seus santos*
e sua visita é para seus eleitos.
Mas os ímpios serão castigados, conforme seus pensamentos" (Sb 3,9b-10a).

O que parece morte aos olhos dos "*insensatos*", o que parece aniquilamento e castigo a ser cumprido, é na verdade "*paz*" e "*imortalidade*" (Sb 3,3-4).

Athanasia/imortalidade. Nunca se falou antes esta palavra, talvez adquirida pela familiaridade com o mundo grego. Mas aqui a *athanasia* não é uma qualidade congênita da alma espiritual. É o fruto da visita justiceira de Deus que toma partido ao lado das vítimas da violência dos poderosos. É o fruto da "*justiça imortal*" de Javé.

A morte vergonhosa, imposta pelos governantes de turno, é vista como "*perfeito holocausto*" diante de Deus. Por isso,

"*No tempo de sua visita resplandecerão*
e correrão como fagulhas no meio da palha" (Sb 3,7).

Esta afirmação de fé profunda na justiça de Javé que não pode ser derrotada ou mesmo limitada pela morte tem, uma vez mais, seu fundamento na memória histórica do povo, sobretudo na memória do Êxodo.

Dez capítulos (Sb 10–19) são dedicados a esta releitura. A ótica é sempre a mesma: A Sabedoria de Deus, desde sempre, consistiu em fazer distinção; desde sempre ficou de um lado, contra o outro; desde sempre defendeu e garantiu a vida e provocou a destruição de quem quis dominar, matar, esmagar as diversas formas de vida.

Ser sábio é ter a mesma sabedoria de Deus. Isto não é atividade de uma alma exercitada pelo estudo, pela dialética, pela lógica, pelas infindáveis discussões filosóficas. É fruto de quem, mesmo arriscando sua vida, sabe estar sempre do lado do fraco e da justiça.

Sabedoria é escolher o lado de Abel e não o do insensato Caim (Sb 10,3); é escolher o lado de Abrão e não de Babel, de Ló e não de Sodoma (10,6), de Jacó, de José, de Moisés, dos hebreus e não dos egípcios (10,5-19).

"*Assim os justos celebraram, Senhor, teu santo nome,*
unânimes, louvaram teu braço protetor" (Sb 10,20).

A mesma água, que no Egito foi sangue e lodo contra os egípcios, brota do rochedo no deserto vivificando Israel (11,4-7). Para os egípcios foram as rãs devastadoras, para Israel as codornizes (16,1-4). Para uns gafanhotos abrasadores, para os outros a serpente de bronze capaz de curar (16,5-14). Para eles granizo destruidor, para nós maná que alimenta para sempre (16,15-29). As trevas de um lado, a coluna de fogo que guia e protege, do outro (17,1–18,4).

A mesma noite foi noite de tragédia para os opressores e noite de liberdade, de Páscoa, para os oprimidos que gemiam debaixo da escravidão.

"*Teu povo esperava já*
a salvação dos justos e a ruína dos ímpios" (18,7).

O sétimo e último sinal será, para todos os tempos, o Mar Vermelho. Nele se cruzam memória de vida e de morte.

"*Por ali passaram, como um só povo,*
os que eram protegidos por tua mão" (19,8).

Esta mão salvadora e poderosa, capaz de uma justiça imortal, é a que vai guardar para sempre a vida dos justos, nem que para isso tenha que vencer a morte e operar a ressurreição.

"*O filho do homem deve sofrer muito, ser rejeitado pelos anciãos, pelos chefes dos sacerdotes e pelos escribas, ser morto e, depois de três dias, ressuscitar*" (Mc 8,31).

Esta é a única sabedoria que deveriam alcançar os "governantes da terra", os "reis", os "juízes", os que "dominam as multidões":

"O domínio é do Senhor
o poder é do Altíssimo
ele examinará vossas obras
perscrutará vossos desejos" (6,3).

Qualquer poderoso, por grande e orgulhoso que seja, não é mais do que um "servo do Reino de Deus" e como tal terá que prestar contas (6,4), sabendo que se aos pequeninos se perdoa, os poderosos serão provados com rigor. O julgamento de Deus será terrível, repentino, severo e implacável (6,5-8).

4. Revendo conceitos teológicos

O enfrentamento, primeiro com os selêucidas e, depois, com os asmoneus, a dura experiência da perseguição e do martírio levaram à reflexão de fé sobre a ressurreição. Ao inserir mais este dado no acervo da teologia de Israel, operaram-se mudanças significativas.

Conseguir transpor o limite da morte física deixou claro que a teologia da retribuição, pilar do esquema sadocita de dominação, nada mais era do que a legitimação do poder opressor.

Pecado, expiação, lei, eram conceitos que precisavam ser urgentemente revistos à luz do novo dado de fé. A teologia da retribuição entrou decididamente em crise. Não era absolutamente verdadeiro que a vida farta e alegre do rico fosse sinal da bênção de Deus que lhe retribuía assim sua "justiça". O binômio justo/rico foi quebrado definitivamente pela prática violenta e gananciosa dos asmoneus.

As dúvidas de Jó e de Coelet voltaram com força diante das atrocidades cometidas pelos herdeiros da guerrilha macabaica.

Vida longa e numerosa posteridade deixaram de ser automaticamente sinônimos de justiça e de santidade. A lógica quase mecânica da redação sacerdotal da Torá que ligava pacto a promessa e a bênção sofreu um abalo irrecuperável.

"Feliz a estéril imaculada (...)
feliz o eunuco que não cometeu crimes (...)
Velhice venerável não é longevidade (...)
as cãs do ser humano são a inteligência
e a velhice uma vida imaculada (...)" (3,13.14; 4,8-9).

Estamos diante de uma nova ordem de idéias, uma nova maneira de se posicionar diante da vida e da história. O que conta é uma ética coerente com a vontade de Deus.

A própria perseguição e a morte do "justo" podem vir a ser o verdadeiro sinal da bênção de Deus: *"Sua vida era agradável ao Senhor, por isso saiu às pressas do meio do mal"* (4,14).

Esta nova maneira de estar diante da vida se expressa com força e veemência:

"Agradou a Deus, Deus o amou
vivia entre os pecadores, Deus o transferiu (...)
Amadurecido em pouco tempo,
atingiu a plenitude de uma vida longa (...)
O justo que morre condena os ímpios que vivem" (4,10-16).

"Felizes os que são perseguidos por causa da justiça" (Mt 5,10).

Neste momento, o livro da Sabedoria reedita uma memória que tinha ficado meio esquecida, embaçada pela poeira dos séculos. A linguagem talvez seja mais elaborada, carregada de retórica helenista e, talvez, as imagens sejam menos eficazes, mas a proclamação é a mesma. O fim do "justo" de Sabedoria e o massacre do "servo de Javé" do Dêutero-Isaías parecem refletir a mesma teologia.

Vale a pena fazer uma sinopse entre Sb 5 e Is 52,13–53,12, o último cântico do servo.

Diante do triunfo do perseguido, diante da vida que é mais forte do que a morte, os "ímpios" são forçados a reconhecer:

"Este é aquele de quem outrora nós ríamos
de quem fizemos alvo de ultraje.
Considerávamos sua vida uma loucura
e seu fim infame (...)
Os justos vivem para sempre (...)
receberão a coroa real
com sua direita ele os protegerá
com seu braço os defenderá" (Sb 5).

"Era desprezado, abandonado pelos homens
Como uma pessoa de quem se esconde o rosto (...)
Nós o tínhamos como vítima do castigo,
ferido por Deus e humilhado (...)
Após a fadiga ele verá a luz (...)
Lhe darei um quinhão entre as multidões (...)
com os fortes repartirá os despojos" (Is 53).

Estamos diante das razões maiores de quem foi, é e será capaz de dar a vida pela justiça e pela liberdade. Contemplar é preciso. Em silêncio amoroso e solidário.

Sabedoria é isso e só isso: saber dar a vida para que todos tenham a vida.

Sandro Gallazzi
Caixa postal 12
68906-970 Macapá, AP